

**BENDEGÓ ANO 2 000**

ou “O rebanho da esperteza”

Denisson Palumbo

## **PERSONAGENS:<sup>1</sup>**

JOSÉ CARLOS DE CARVALHO, Almirante, líder da expedição.

VICENTE DE CARVALHO, filho do Almirante e engenheiro civil

HUMBERTO SARAIVA ANTUNES, engenheiro civil

MILITÃO, sertanejo adolescente, trabalhador escravo

JOSÉ, sertanejo, trabalhador escravo

CASSIANO, sertanejo, trabalhador escravo

VIRGÍLIO, sertanejo, trabalhador escravo

ANTONIO, sertanejo, trabalhador escravo

AFONÇO, sertanejo, trabalhador escravo

JOÃO, sertanejo, trabalhador escravo

MANOEL, sertanejo, trabalhador escravo

MARCILINO, sertanejo, trabalhador escravo

FELLIX, sertanejo, trabalhador escravo

PEDRO, criança de quinze anos, filho do sertanejo Fellix

MATILDES, criança de quinze anos, filha do sertanejo José

VIGÁRIO ESTRELLA

VIGÁRIO CÂNDIDO

VIGÁRIO ALFREDO

---

<sup>1</sup> Referente às formas de falar dos personagens em seu caráter linguístico é, invariavelmente, em caso de encenação, que sejam mantidas. Ver “O português afro-brasileiro”, de Dante Lucchesi, Eds. Alan Baxter, e Ilza Ribeiro. EDUFBA, 2009.

## **PRÓLOGO**

*À beira do lago de Bendegó.*

MATILDES

- Num falei, num falei!

PEDRO

- E como foi?

MATILDES

- Do jeito que eu tava dizeno. Os homi se juntaro e levantaro a pedra daí

PEDRO

- Os homi tudo?

MATILDES:

- Os homi tudo... inté o Cassiano carregô a bicha! Ele mais meu pai, seu pai, Seu Manué... tô te falando. E tamém Militão. Foram tudo embora cum ela

PEDRO

- Mas pra quê?

MATILDES

- E você drumindo!

PEDRO

- Num tava drumindo não, ôxi. Tava na mata, atrás de caça. Dois dia na mata

MATILDES

- Apois. Saíro hoje... E agora?

PEDRO

- E agora o quê?

MATILDES:

- Só tem tu de homi aqui.

*MATILDES se aproxima de PEDRO.*

PEDRO:

- Tá danado! Inté parece que ninguém volta.

MATILDES

- E tu bem que podia ter ido.

PEDRO

- Mas se tivesse na hora, eu ia mermo

MATILDES:

- Ia nada.

PEDRO

- Por que num ia?

MATILDES

- Porque tu nasceu com idade pra ser fôrro. Igual eu.

PEDRO

- E Militão, não? Ele num é da merma idade que nós?

MATILDES

- Isso aí ele tava dizendo lá na hora de í embora, que ele não queria í não, inté falou meu nome, seu nome, mas o senhô lá num quis nem saber, disse que ele nasceu no ano tal e que a lei tal foi num sei o quê no outro ano e que ele era escravo e tinha que obedecê e cabô! E assim foi levano um rebanho de bode... E cada bode bonito que só veno!

*Uma voz ao longe chama pelos dois adolescentes, eles se despendem e saem.*

## **1ª JORNADA<sup>2</sup>: MORTE**

*O carretão entra, puxado por bois, e sobre ele o imenso meteorito.*

---

<sup>2</sup> O texto se divide em jornadas seguindo a dramaturgia proposta por Armindo Bião. Ver o livro "Teatro de cordel e formação para cena: textos reunidos", in Isto é bom! Um sarau barroco: dramaturgia, tradição e contemporaneidade, p. 165.

## MOTE DO METEORITO

*Bendegó é Bendegó  
Até onde já se viu  
Vai seu rastro, vai seu pó  
Até mais do ano dois mil*

ALMIRANTE *ordena a parada do carretão.*

### CENA UM

ALMIRANTE

- Tu (*aponta para Militão*)... Tu sabes conta, não é? Sabes contar até quanto?

MILITÃO

- Sei, Senhô... dez de cá com mais três daí... e, ao todo, aqui tem treze homi.

ALMIRANTE

- Então, a partir de agora estás encarregado de contar os bodes do rebanho e de tomar cuidado para que os bodes não escapem (*escuta-se a contagem enquanto o ALMIRANTE fala*). Escutem... Faremos apenas uma parada como essa por dia, sempre à noite. Não temos tempo de sobra! (*a contagem termina em 21*)

MILITÃO

- Pronto. Vinte bode!

VICENTE (*para Humberto*)

- Ele não contou certo.

ALMIRANTE

- Não me interrompa.

VICENTE

- E ele não contou certo! O rebanho é de vinte e um bodes.

MILITÃO

- Sim, o senhôzinho tá certo, contano com o cabritinho.

ALMIRANTE

- Dr. Vicente atente-se a seus cálculos de engenheiro, pois para isto estás aqui. E

o mesmo vale para o Dr. Humberto... E vocês devem obedecer a cada um de nós igualmente, sem interrupções. E agora podem descansar.

CASSIANO

- E os bode?

ALMIRANTE

- Que descansem como for... Isso é com você (*para Militão*).

*O ALMIRANTE, VICENTE e HUMBERTO saem de cena.*

CASSIANO

- Militão, vamo matá esse.

MILITÃO (*rindo*)

- O senhô tava... ai ai ai... E tu/

JOSÉ

- Oxi, tá doido, é? Rindo de quê?

MILITÃO

- É que o senhô achô que Cassiano tava preocupado com a donde os bode ia drumir! (*Alguns risos*) Porque ele num conhece esse aqui.

FELLIX

- Guarda os dente, seu moço.

*MILITÃO remenda FELLIX.*

CASSIANO

- Sim, mas e o bode?

*Riso geral.*

- Num vamo matá não?

MILITÃO

- Pega o bode, pega o bode.

*CASSIANO corre para pegar o animal.*

- Hein, Seu Virgílio? Pega!

VIRGÍLIO

- Num tenho mais perna não, fio.

ANTÔNIO

- Nem eu... E nessa hora do dia!

AFONÇO

- Ah, na velhice as perna encurta!

MILITÃO

- Rebanho de véio!

JOSÉ:

- Mais respeito, seu moço.

MILITÃO

- E onde é que tá fartando?

VIRGÍLIO

- Deixa o menino, Seu Zé.

*O bode berra. CASSIANO o traz com a ajuda de outros homens.*

CASSIANO

- Calma! Deixa que eu faço.

VIRGÍLIO

- Vamo comê uma buchada!

CASSIANO

- Buchada não que demora.

MILITÃO

- Se deixá tu come o bicho assim mermo, hein Cassiano? Isso é uma onça!

**CENA DOIS**

VICENTE

- Pai... Mais um pedaço?

ALMIRANTE

- Mais um pouco... Mais.

HUMBERTO

- Almirante, além da manutenção do carretão, eu desejo ter outra ocupação?

ALMIRANTE

- Hum... E conforme Vicente me falou... você escreve muito bem, e também sabe manusear a máquina de fotografar! Faremos um relatório... e os registros da região e do meteorito são muito importantes.

VICENTE:

- Esta carne está deliciosa.

HUMBERTO

- Interesse-me justamente pelo achado, Almirante. A astronomia me interessa.

*Escutam-se risos.*

VICENTE

- Os escravos estão em festa? O quê foi? Vou ver.

ALMIRANTE

- Não. Estamos conversando algo importante aqui.

HUMBERTO

- Senhor, eu quero dizer que para mim é um privilégio estar nesta expedição.

VICENTE

- Isso você fala agora! Mas depois do primeiro mês de viagem, eu quero ver.

HUMBERTO

- É verdade, Vicente. Vou me cansar, naturalmente, mas vale a pena... (*pausa*)



À noite, quando o céu é puro e belíssimo, e o brilho da luz planetária se derrama através da atmosfera, há um espetáculo digno de não ser esquecido.<sup>3</sup>

VICENTE

- Humberto Saraiva Antunes: engenheiro e poeta.

*HUMBERTO sorri e um som de urro é ouvido: é o bode sendo abatido.*

- O que foi isso? Vocês escutaram? Será uma onça?

ALMIRANTE

- São os escravos, estão abatendo um bode, é certo.

HUMBERTO

- Ah, se as onças berrassem!

ALMIRANTE

- Mas é um medroso mesmo!

HUMBERTO

- Imagino quando chegar a hora da onça beber água.

VICENTE

- Fique imaginando, fique, Humberto. Eu vou dormir.

**CENA TRES**

*O carretão está em movimento.*

### **MOTE DA PEDRA CANTADA**

*Vou cantar a pedra boa*

*Vem comigo escutar*

*Quando a pedra ensanguentar*

*Vê se não fica à toa*

*tua alma livre voa*

*Homem morto vivo bode*

*Vira bicho como pode*

---

<sup>3</sup> As últimas palavras foram extraídas do Relatório Sobre a extração do meteorito de Bendegó do sertão da província da Bahia para o Museu Nacional, p. 29. Inclusive indicamos a leitura do mesmo para um possível encenador, pois em suas linhas se encontram preciosas informações.

*Pra depois no fim da reta  
No rebanho serra aberta  
Trocar barba por bigode*

HUMBERTO (*com caderneta e pena em punhos*)

- Essa música que vocês cantam... Como é? Quem a fez?

MARCILINO

- Como é que é o quê? É como a gente ouve e fala mermo.

HUMBERTO

- Como vocês aprendem? Desses versos quais são os seus?

MANOEL

- Dotô, os versos é tudo eu que fiz!

HUMBERTO

- E com quem você aprendeu?

JOÃO

- Mas esse aí é mentiroso, Dotô

HUMBERTO

- Eu só quero saber o autor!

MARCILINO

- É a gente que ouve e fala.

HUMBERTO

- Voltamos de onde começamos.

JOÃO

- Mas Seu Dotô qué sabê o quê?

HUMBERTO

- Quem escreveu. Somente isso!

MANOEL

- Ninguém aqui sabe escrevê não.

JOÃO:

- Isso aí é verdade. Ninguém mermo

MARCILINO

- A gente só ouve e fala.

*Os homens voltam a cantar o “MOTE DA PEDRA CANTADA”.*

## **CENA QUATRO**

*Todos tomam café.*

ALMILIRANTE (*para Humberto que está lendo*)

- O carretão, Humberto; como anda?

VICENTE

- Mais um pouco, meu pai? Meu pai!

HUMBERTO

- Está bem, Senhor. Vocês ouviram?

*MILITÃO aparece berrando com as mãos ensanguentadas.*

MILITÃO

- O véio... o véio!

ALMIRANTE

- O que foi rapaz?

MILITÃO

- Vem vê, vem vê.

VICENTE

- Lave as suas mãos.

*Eles o acompanham. Estão todos em volta do corpo.*

MILITÃO

- Encontrei assim, Senhô.

VICENTE

- Lave essas mãos, diabo.

ANTÔNIO (*levando Militão pela mão*)

- Aqui, na bêra do córgo.

MILITÃO:

- Encontrei o corpo, o corpo!

ANTONIO

- Tem carma, seu moço.

MILITÃO

- Só pele e osso... E sangue!

*HUMBERTO se aproxima*

AFONÇO

- Tá é feio, né Dotô?

ALMIRANTE

- Afastem-se... Quem era?

HUMBERTO

- Um dos escravos mais velhos.

ALMIRANTE

- Menos mal. E o animal que fez isso?

AFONÇO

- Bicho nenhum faz isso não, Nhôzinho.

*Todos os escravos assentem.*

VICENTE

- Foi o que então?

ANTÔNIO

- A PEDRA.

Novo assentimento.

ALMIRANTE

- Que conversa é essa?

## MILITÃO

- Criança ôvia dizê que do céu caiu uma maldição ni nós. Os mais antigo, Seu Virgílio mermo sabe... sabia, que Deus o tenha na sua glória... é uma maldição! Porque quando – mais de cem ano atrás – tentaro tirá a pedra de lá ela num foi... Num foi mermo! Sabe por quê? Porque ela tem vontade própria, e tá dizeno pa nós deixá ela quéta.

## ALMIRANTE

- Pois o METEORITO vai continuar viagem, e vocês também. Agora a ordem para você (*para MILITÃO*) é que fique de vigília, pois o rebanho, com certeza, está atraindo animais maiores... Vamos! Vamos continuar viagem: (*um bode começa a berrar*) Althanasio, Soledade, Acarú, chegaremos dentro de dez, doze, quinze... Que inferno, faça esse bicho parar! Próxima parada só amanhã!

*O ALMIRANTE, VICENTE e HUMBERTO saem.*

## MILITÃO

- Vocês viram a cara do fio dele?

*Riso geral.*

## **2ª JORNADA: VIDA**

### **CENA UM**

*Todos comem carne de bode.*

### **MOTE DA CABEÇA-DE-FRADE**

*Nessa curva me cravei no caminho*

*Nessa beira de estrada atropelada*

*Entre o pé e a moita é como espinho*

*Que eu estou nesta tarde tão calada*

*E de mim não se vê mais quase nada*

*Na cabeça-de-frade estou pontudo*

*Espinhaço que esperto a quase tudo*

*Está vivo para todas as façanhas  
E atento para todas artimanhas  
Entre a faca e o couro é como mudo*

MILITÃO

- O próximo a morrê vai sê tu, Ontônio. Premêro os véio, né? E eu vô ficá no fim da fila... eu, Marcilino, Manoel e João.

VIGÍLIO (BODE)

- Me dá um pedacinho.

MILITÃO

- Sai pa lá bode véio. Vá! Já num comeu sua parte. Deixa eu terminá. Tem mais dezoito bode no rebanho, sem contá com o cabritinho e com esse bode aqui. Mas pa eles é quanto? Os mermo vinte! Por isso a gente não pode morrer sem antes matá um bode.

CASSIANO

- E assim a gente come mais um bode quando um da gente morre, né?

MILITÃO

- Isso aí só na sua cabeça de jegue. Aí o que dá pensá com a barriga! A gente vai comê os mermo vinte bode... vinte um porque até chegá lá porto de num sei onde o cabritinho já tomô forma.

JOÃO

- E quando chegá minha vez de morrê a gente já num chegô?

MILITÃO

- Fugir do cativêro é o que importa! É ô num é, Seu Bode?

BODE (VIRGÍLIO)

- Ééééé!

*HUMBERTO entra. Silêncio.*

HUMBERTO

- Que cabeça!

MARCILINO

- Seu Dotô, tu tava ouvindo a gente falá atrás das cabeça-de-frade!

HUMBERTO

- Ouvi tudo, mas posso não falar nada. Porque não quero estragar o plano...  
peço somente que não prejudiquem a expedição, deixem a viagem continuar.

MILITÃO

- Só isso?

HUMBERTO

- Só.

**CENA DOIS**

ALMILIRANTE

- O eixo do carretão quebrou de novo. Humberto está lá tentando concertar.

VICENTE

- Meu pai, acho que Humberto está displicente.

ALMILIRANTE

- E você, Vicente? Quase não lhe vejo com um livro.

VICENTE

- E nessas condições, como eu vou ler?

ALMIRANTE

- A que se refere? Ao calor? À noite é muito fresco, até frio! Vai-me dizer que a luz é fraca, mas eu lhe digo que é o bastante, pois sua vista é a de um jovem.

*MILITÃO aparece berrando com as mãos ensanguentadas*

MILITÃO

- O véio, o véio.

VICENTE

- Ai meu Deus.

*HUMBERTO entra.*

HUMBERTO

- Qual velho desta vez?

MILITÃO

- Ontônio. Ele está lá/

VICENTE

- Eu não quero ver.

HUMBERTO

- Por que tem medo?

MILITÃO (*para Vicente*)

- Tu já tocô na pedra?

VICENTE

- Eu só mexo com o solo!

HUMBERTO (*segurando um riso*)

- Calma... Vamos lá ver?

ALMIRANTE

- Ver o quê? Quando morre um de vocês é problema de vocês porque aumenta o trabalho. Para mim só o prejuízo de um escravo a menos para deixar de herança. Mas essa história da maldição mais uma vez me irrita. Vá-se embora!

*MILITÃO sai.*

HUMBERTO

- Mas, Almirante, confesso que acho intrigante esta história. E como homem da ciência, serei obrigado a ver de perto este corpo também.



ALMIRANTE

- Isso é história desse povo. Você vai ver o quê lá? A carniça?

HUMBERTO

- Não esqueça que essa pedra é uma espécie de extraterrestre.

ALMIRANTE

- Para o inferno com isso!

HUMBERTO

- Permita-me, Senhor.

ALMIRANTE

- Vá. Mas cuide de enterrar bem fundo essa carniça para não atrair mais animais.

*HUMBERTO sai*

ALMIRANTE

- E você não quer ir também?

VICENTE

- Eu não mexo com essas coisas!

ALMIRANTE

- Quero saber que bicho é esse!

**CENA TRÊS**

VIRGÍLIO (BODE)

- Minhas junta não güenta ficar no chão quente o dia todo não, Militão

MILITÃO

- Aí é só tirá as opercata dos pé e botá nos joéio. Cadê a esperteza?

ANTÔNIO (BODE)

- A gente não vai guentá passá a viagem toda assim não, meu fío. Os mais novo é que devia morrê primeiro.

MILITÃO

- Mas que heresia é essa, seu Ontônio?

MANOEL

- É! Ninguém não vai morrê de verdade.

JOÃO

- Só os bode! Mermo magro a gente come.

MILITÃO

- Pessoa, acho que d'agora em diante tem que é morrê dois de vez.

CASSIANO

- Aí, sim, vamo comê um bode a mais, né?

MILITÃO

- Agora, sim. Pensô com a barriga, mas pensô certo.

AFONÇO

- D'agora em diante morre dois de vez? Eu e ôto, né?

MILITÃO:

- É! A PEDRA tá retada!

*Risos. Humberto entra.*

HUMBERTO

- Boa noite. Posso saber a piada?

MILITÃO

- Dotô, a gente decidiu que d'agora em diante vai morrê dois por vez.

*Silêncio.*

HUMBERTO

- Mas assim como o carretão vai andar? As rodam emperram sempre, e é preciso muita força para pô-las no lugar... E quanto mais mãos melhor.

MILITÃO

- A gente pode fazê isso na hora grande.

HUMBERTO

- Não entendi.

MILITÃO

- De noite, bem de noite, a gente empurra o carretão pa frente.

HUMBERTO

- Está bem.

JOSÉ

- E agora que vai morrê é eu mais Féllix.

FÉLLIX.

- É! E Seu Afonço vai ficá vivo.

AFONÇO

- Obrigado, meu fio... porque do jeito que tô das perna num guento andá de pé, quanto mais que nem bode.

VIRGÍLIO (BODE)

- Ah, se a gente pudesse trocá, mas agora num dá não.

MILITÃO

- Bora! Dotô Humberto... Cuida lá prus dois num saí do sono. Que mais tarde a gente vai empurrá o carretão e prepará o rebanho.

**CENA QUATRO**

ALMIRANTE

- Cadê o carretão? Como é que ele foi parar lá longe?

VICENTE

- O solo é inclinado. Eu acho que ele se soltou, desceu.

ALMIRANTE:

- Humberto... pegue suas ferramentas e vamos ver o que houve.

*MILITÃO e CASSIANO estão próximos ao carretão.*

HUMBERTO

- Almirante... tem menos bodes no rebanho, não é mesmo?

MILITÃO

- É que no nosso bando tem um cabra muito guloso, senhô, que matá dois bode pra fazê uma buchada e se deixá ele come o cabritinho tomém.

CASSIANO

- É. Eu sô assim. Comigo num tem fastio.

ALMIRANTE

- Isso não me interessa. Quero saber quem deu ordem para vocês empurrarem o carretão? Humberto, vá lá conferir as rodas... E o eixo. Vá ver o que aconteceu!

MILITÃO

- A PEDRA!

ALMIRANTE

- Ah, a pedra?

*Entram MARCILINO, MANOEL e JOÃO com tripas na mão, pingando sangue.*

VICENTE

- Ai meu Deus!

MARCILINO

- Ó só o que sobrô do Zé

MANOEL

- Tá só as tripa pititica.

VICENTE

- Afastem-se. Que é isso!

JOÃO

- É Féllix...o que ficô desse infeliz que agora tá longe de nós!

MILITÃO

- Longe de nosso rebanho. Senhô, guia essas alma mermo que ela vá pelo vale

da sombra e da morte, mermo que pa longe do seu Monte Santo. Ai Dotô (*atira-se nos braços de HUMBERTO*), como eles pôde deixá a gente assim? Maldição! O peso em nossas costa d'agora é ainda maió. Ô, meu Deus!

ALMIRANTE

- Humberto, faça o que eu te ordenei, deixe de dar ouvidos a esse miserável. E você, Vicente... pare de tremer de igual um menino. Vamos voltar à viagem!

### **3ª JORNADA: BODARIA**

#### **CENA UM**

*Eles acabam de chegar ao povoado de Monte Santo. O carretão para. Os escravos se escoram onde podem, alguns deitam no chão. Os bodes já são poucos e estão mais magros. Ao fundo se pode ouvir som de música.*

HUMBERTO

- Finalmente um povoado. Preciso beber algo. Você está ouvindo?

VICENTE

- Ouvindo o quê? Que ouvido de tuberculoso é esse que você tem.

HUMBERTO

- E você tá surdo então.

ALMIRANTE (*aos escravos*)

- Fiquem de pé. Vamos!

HUMBERTO

- Almirante, precisamos/

ALMIRANTE(*interrompendo-o*)

- Não quero que nenhum de vocês durma durante o tempo que vamos ficar por aqui porque vamos somente nos reabastecer de mantimentos e voltar à estrada. A ordem é para ficar acordados. Acorda, rapaz!

HUMBERTO

- Senhor, eu penso que esses homens devem beber/

ALMIRANTE

- E vão! E você mesmo pode providenciar nossa água fresca.

HUMBERTO

- Falo de cachaça, Senhor. Passamos meses sem nem um gole!

*MARCILINO e MANOEL já se levantam. Um bode velho berra.*

ALMIRANTE

- Você pensa então que devemos dar doses de cachaça a eles?

HUMBERTO

- O quanto for necessário. Assim vão ficar acordado, garanto.

ALMIRANTE

- Que ideia. Eles vão ficar bêbados e aí mesmo é vão dormir.

HUMBERTO

- Senhor, com todo respeito, estou convencido de que o senhor é quem mais precisa de um bom porre (*pausa*) Por que não?

*Tempo.*

VICENTE

- É. Por que não, meu pai?

HUMBERTO

- Escute, escute a música!

VICENTE

- Estou ouvindo também.

HUMBERTO

- Vamos, Senhor Almirante

*A esta altura todos estão de pé. Bodes berram.*

- Duas doses para cada um.

ALMIRANTE

- Mas você é quem vai pagar. Que já tive prejuízo demais nessa viagem.

*A bodaria se alegra.*

**CENA DOIS:**

*Todos dançam com cabritas e embriagam-se num rápido ritmo.*

**MOTE DO BODE EMBRIAGADO**

*Com cabrita não se briga, só se brinca  
É um brinco cada chifre desta testa  
Cabritinha vem comigo fazer festa  
Só nós dois num belo par não numa trinca  
Te prometo esse meu beijo em você finca  
O viscoso desejo de cana doce  
Como se esse meu bafo feito mel fosse  
Pois que mais pode um bode oferecer  
Pra cabrita que acaba de conhecer  
Se tem algo me diga senão já danou-se*

*Os diálogos a seguir acontecem entre personagens esparsos*

ANTÔNIO (BODE)

- Tô feliz! Tô livre! Bode livre!

VIRGÍLIO (BODE)

- Béééé. Mas num abusa da sorte.

AFONÇO

- Chega, me dá cá o copo.

ALMIRANTE (*muito bêbado*)

- Nesse forró até bode dança.

VICENTE (*mais bêbado ainda*)

-E as cabrita também, olha!

MILITÃO

- E o resto do rebanho?

HUMBERTO

- Não dá para morrer!

MILITÃO

- Num dá? Tem que dá.

CASSIANO

- Num guento mais bebê.

JOÃO

-Vamo apruveitá, homi!

MARCILINO

-Amanhã tu é ôtro bicho!

JOÃO

- Isso mermo. Amanhã a gente vira bode

MANOEL

- Fala baixo, diacho!

*VICENTE se refestela*

ALMIRANTE

- Meu filho, meu filho...

VICENTE

- Mais uma, meu pai?

ANTÔNIO (BODE)

- Esses senhô é um rebanho de praga.

VIRGÍLIO (BODE)

- Cala boca, bode velho. Peste ruim.

AFONÇO

- Mas ele tá com a razão. Isso é o cão.

HUMBERTO

- Eles dois tem que ser os últimos.

MILITÃO

- A gente conversa mais despôs.



CASSIANO

- Bora bebê, Militão. Tá que só conversa.

JOÃO

-Esse menino num guenta bebê nada não.

MARCILINO

-É um bebê ele. Hei, vem cá tumá umas

*Eles se juntam. HUMBERTO e o ALMIRANTE saem levando VICENTE carregado.*

## **CENA TRÊS**

VICENTE

- Ai minha cabeça. Ai ai ai

ALMIRANTE

- Deixa de moleza, acorda.

HUMBERTO

- Os homens estão prontos.

ALMIRANTE

-Esse aqui não. Humberto, avise-os que ficaremos mais um tempo.

*HUMBERTO sai*

- Mas também estou mal. Minha cabeça dói demais. Ontem eu bebi demais. Eu vi dois bodes, assim, em duas patas, assim mesmo, bebendo com um escravo. Bebendo cachaça! Você acredita? Esse, sim bebeu demais.

VICENTE

- Eu não duvido mais de nada. Ah, eu vou voltar a dormir.

ALMIRANTE

- Acho bom não levar dessa cachaça. Não! Voltar a dormir?

VICENTE

- Esse sol está insuportável.

*HUMBERTO entra com a roupa machada de sangue.*

HUMBERTO

- Senhor... Eu tenho uma má notícia: mais dois escravos foram encontrados destróçados. São – quero dizer – eram, eram dos mais fortes.

VICENTE

- Ah, para mim já basta. Essa expedição tem que parar.

ALMIRANTE

- Mas chefe da expedição sou eu!

VICENTE:

- E o que esperas? O quê? Que o próximo seja eu? A metade deles já morreu só de Bendengó até aqui... Já basta. Essa pedra é mesmo maldita! Pode ter caído do céu, mas é uma desgraça. Uma desgraça que caiu sobre nós. É isso. E vou voltar!

ALMIRANTE

- Voltar para onde? Para Bendegó?

HUMBERTO

- Vicente, vamos seguir viagem.

ALMIRANTE

- Humberto, não se meta nessa discussão... É coisa de família. *(para Vicente)* E Você acha que eu consegui uma indicação da Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro a que custo? Você sabe quanto custa cada escravo que morre? É o meu nome na corte que está em jogo. O meu nome está na boca do Imperador: José Carlos de Carvalho... E você Vicente José de Carvalho Filho, neto de Teobaldo José de Carvalho também. Então, tenha dignidade.

*Silêncio.*

- Traga o mapa. Próxima parada em Queimadas. E para inferno com essa história de pedra mágica. E isso é para você também, Humberto.

HUMBERTO

- Sim, Senhor.

**CENA QUATRO**

*Comem carne de bode*

MILITÃO

- Vamo comemorá

VIRGÍLIO (BODE)

- E a cachaça?

CASSIANO (BODE)

- Só com cumida já tá bom.

JOÃO (BODE)

- Dia de muito, véspera de nada.

ANTÔNIO (BODE)

- É isso mermo, meu véio. Nós tumô todas naquele dia.

MILITÃO

- Ó...O Dotô disse pa eu que vai comprá a carta de forria. Eu, tu, Manoel e Afonço. Vamo ficá livre nos papé... mas o resto tem que saí fugido mermo.

CASSIANO (BODE)

- E por que a gente num foge agora mermo?

MILITÃO

- Que idéa! Aí o Dotô entrega eu, tu, Seu Virgílio, Seu Ôntonio, inté os dois lá.

MANOEL

- Tu tá sempre pela frente, Militão. Eu, tu, fulano.

MILITÃO

- Mas quem teve a idéa pa nós fugí assim?

VIRGÍLIO (BODE)

- Isso aí é, meu fio. Mas ó... as idéa muda

JOÃO (BODE)

- José e Fellix foi embora! Tivera ôtra idéa!

MARCILINO

- E só tá confiano nesse Dotô aí... Bote a mão no fogo!

ANTÔNIO (BODE)

- Isso é mermo. Nois bota a mão no fogo pelos nossos.

MILITÃO

- Mas se a gente sai tudo fugido num é a merma coisa. Seu Ôntonio, o senhô que é mais velho mermo sabe. Nêgo fugido é caçado que nem bicho. E tem mais... Agora mermo os dois lá depende da gente. Pense aí se o dotô entregá a gente!

ANTÔNIO (BODE)

- Isso é mermo. Tamo na mão desse aí. Tomara ele num sêje mentiroso.

AFONÇO

- E eu num digo é nada.

**INTERLÚDIO**

*À beira do lago de Bendegó.*

PEDRO

- Tô falano. Vô trabaía na reforma do marco.

MATILDES

- O marco... Aquele (*procura as palavras certas*) Aquele pedra em pé.

PEDRO

- É o marco do Barão de

MATILDES (*interrompendo*)

- Tem o que pa reformá ali?

PEDRO

- E tu sabe o quê dessas coisa?

MATILDES (*avançando*)

- Tu tá é mentino, tu não faz nada.

PEDRO

- Num faça nada não mermo. Tu que faz

MATILDES (*interrompendo*)

- Faço mermo... faço café, carne do sertão

JOSÉ (*chama escondido*)

- Matildes

MALTIDES

- Ôxi. Tu ouviu?

FÉLLIX (*chama escondido*)

- Pedro

PEDRO

- Ouvi meu nome agora.

*Eles acham os pais na segundo vez que o chamam e vão até lá.*

PEDRO

- Meu pai!

FÉLLIX

- Escute, escute.

MATILDES

- Tu tava aí tem muito tempo, painho?

FÉLLIX

- Escute, menina. A gente agora é fugido.

JOSÉ

- Vamo precisá da ajuda dos dois agora.

#### **4ª JORNADA: HUMANIDADE**

#### **CENA UM**

*Eles chegam ao povoado de Queimadas.*

ALMIRANTE

- Atenção. Nesta parada não vai haver baile. E nem cachaça. Esqueçam. A expedição não está atrasada, estranhamente, mas não está... Graças a esses esforços, é claro. Nessa localidade não vamos demorar mais do que algumas horas. Quantos bodes ainda restam no rebanho?

MILITÃO

- Vou contá, senhô.

ALMIRANTE

- Parecem muitos.

*Bodes berram "NÃO"*

MILITÃO

- Mas num é senhô...

ALMIRANTES

- Quantos?

MILITÃO

- DOZE!

ALMIRANTE

- É o suficiente para seguir viagem.

VICENTE

- Meu pai, eu vou ficar por aqui. Decidi que não seguirei mais viagem.

ALMIRANTE

- Assim... decidiu agora? Gostou do lugar, decidiu morar aqui, estudar seu solo.

*ALMIRANTE pega uma corta das que prendia a pedra e passa para MARCILINO.*

ALMIRANTE

- Amarre -o ao carretão.

VICENTE

- O que é isso, meu pai?

*MARCILINO avança sobre VICENTE com certo prazer e faz o ordenado.*

- Desgraçado! Infame!

*Uma sequência de xingamentos se segue e MARCILINO o amordaça*

ALMIRANTE

- Continue.

*Enquanto isso acontecia MILITÃO cobrava de HUMBERTO sua promessa*

MILITÃO

- Dotô... os bodes tá tudo quereno fugí... os homi tomém. Eu não. Mas o resto do rebanho tá tudo quereno fugí. O Dotô num pode garantir mais nada não?

HUMBERTO

- Garanto a carta de alforria de vocês quatro. De mais ninguém. Eu não sou rico.

MILITÃO

- O Dotô é o quê então? Tá todo mundo quereno sabê.

HUMBERTO (*sussurrando*)

- Eu sou abolicionista, não sou aristocrata.

MILITÃO

- E isso é o quê?

HUMBERTO

- Eu, eu não posso comprá-los todos.

ALMIRANTE

- Mais alguém? Senhor, Humberto.

HUMBERTO

- Sim, senhor.

ALMIRANTE

- Ah, você também quer ficar por aqui.

HUMBERTO

- Não... Eu... Por mim nem pararíamos.

ALMIRANTE

- Nem para comprar água e mantimentos.

HUMBERTO

- Não quis dizer isso.

ALMIRANTE

- Pois providencie-os.

**CENA DOIS**

*O carretão está em movimento.*

### **MOTE DO MARCO DE MILITÃO**

*Água para os fortes  
Ordem pros gigantes  
Terra pros brincantes  
De pequenas sortes  
Superando as mortes  
Mastigando agruras  
De agora e futuras  
Mas também de outrora  
Pra na luz d'aurora  
Almoçar farturas*

*Uma roda do carretão emperra.*

ALMIRANTE

- Que diabo! Logo agora que já estamos chegando. Humberto, Humberto.

HUMBERTO

- Mas o problema não é grave, Senhor. Mas vou precisar da ajuda de vocês.

*VICENTE é solto.*



ALMIRANTE

- Vamos ajudar.

VICENTE

- E encostar-me a pedra?

MILITÃO

- Senhô, só na roda.

MANOEL

- Segura aqui, Senhô

MARCILINO (*tocando na pedra*)

- A pedra já castigô quem devia.

VICENTE

- Agora não encoste a mão em mim.

HUMBERTO

- A expedição já está acabando, Vicente. Em breve você vai voltar a capital. Em breve tudo vai acabar... voe vai se vê livre dos bodes, dos escravos, desse calor, até da pedra. A não ser que a queira visitar lá no Museu Nacional. Pronto. Agora empurre para o lado, (*o carretão está quase virando*) para o outro, para o lado esquerdo (*bodes berram*). Militão... Venha aqui, faça força.

*O carretão com esforço é concertado e eles seguem viagem.*

**CENA TRÊS**

*Eles chegam ao porto onde a comissão é recebida.*

VIGÁRIO ESTRELLA

- Senhor Almirante. Eu sou o vigário Estrella.

VIGÁRIO CÂNDIDO

- Senhor Almirante. Eu sou o vigário Cândido.

VIGÁRIO ALFREDO

- Senhor Almirante. Eu sou o vigário Alfredo.

ALMIRANTE

- Eu sou o Almirante José Carlos de Carvalho.

VIGÁRIO ESTRELLA

- Sr. Almirante, escute-nos. Temos boas novas.

ALMIRANTE

- Sr. Vigário, vai ser ótimo ouvi-las. Pois diga.

VIGÁRIO CÂNDIDO

- Mas primeiro precisamos parabenizá-lo pelo feito: remoção do maior meteorito das Américas que muito nos orgulha como homens da fé. Em vista que o vemos como um grande presente de Deus: um pedaço do céu.

ALMIRANTE

- Agradecemos como homens da fé, mas também da ciência. É um grande achado esta pedra, quer dizer, meteorito.

VIGÁRIO CÂNDIDO:

- E somente vocês trouxeram-na de lá até aqui?

ALMIRANTE

- Sim! O esforço foi por isso tanto quanto maior.

VIGÁRIO ESTRELLA

- Com a graça de Deus. E quanto maior. Mas, Sr. Almirante, permita-nos dar-te as mais boas novas. Mesmo que uma destas, não tão boa, possa lhe parecer.

VIGÁRIO ALFREDO

- Deixe-me dizê-la (*os vigários disputam pela palavra*). Rezaremos uma missa.

ALMIRANTE

- Sim! Uma missa!

VIGÁRIO ALFREDO

- Eu, rezarei a missa, melhor dizendo e peço que compareçam todos.

VIGÁRIO CÂNDIDO:

- Inclusive os seus escravos, quer dizer...

HUMBERTO

- Eu não tenho escravos, Sr. Vigário

VIGÁRIO ESTRELLA

- Pois ninguém mais tem... foi abolida a escravidão.

VIGÁRIO CÂNDIDO:

- Estrella, estávamos acordados de que eualaria.

HUMBERTO

- O quê?

VIGÁRIO ESTRELLA

- Ah, o que isso importa? Alfredo rezará a missa.

HUMBERTO

- Não importa!?

ALMIRANTE

- Só o que faltava! E depois o quê? República?

VICENTE

- Ah, como estou atrasado nos assuntos da capital.

HUMBERTO

- Os escravos estão livres.

*Os bodes retornam a serem homens. O Almirante resmunga raivoso e surpreendido. Humberto dá risadas. MILITÃO está atônito.*

MILITÃO

- E esse esforço todo!

**CENA QUATRO:**

*ALMIRANTE, VICENTE, HUMBERTO e MILITÃO estão numa missa.*

PADRE

- Rezaremos essa missa, essa manhã, em homenagem bem aventurados: José Carlos de Carvalho, Almirante e chefe da expedição que levou o maior... objeto

celeste encontrado até agora em nosso continente. Em celebração a essa glória e bem sucedida empresa vamos começar.

VICENTE

- Ele não falou meu nome.

ALMIRANTE

- Cale-se. Humberto, eu quero que cuide para que o nome de minha família não vire motivo de chacota na capital.

*A missa prossegue.*

HUMBERTO

- Militão, eu quero você venha comigo para o Rio de Janeiro.

**EPÍLOGO**

*À beira do lago de Bendegó.*

PEDRO

- Tô falano, trabaia na capitá

MATILDES (*com um bebê no colo*)

- Na Bahia?

PEDRO

- Na cidade do Rio de Janeiro.

MATILDES

- Quem disse? Seu pai?

PEDRO

- Tu num sabe das coisa! Todo mundo!

MATILDES

- Tá... segure agora. Tu não faz nada.

PEDRO

- Tu que faz! Quem fez a casa, quem?

MATILDES

- Tá bom mermo, e que tu e teu pai comero onte e hoje no faço café? Fez tu?

FÉLLIX (*chama*)

- Matildes

MALTIDES

- Já vai meu sogro. Suspende o menino, Pedro. Ôxi.

FÉLLIX (*chama*)

- Pedro

PEDRO

- O véio hoje tá retado. Eu vô lá vê o que ele qué.

MATILDES

- É bom mermo. Me dê (*Pedro sai*) Ó bebê, o Sol.